



Boa Viagem: A noiva sem véu

Alexandre Santos

Comentário sobre os encantos e problemas do bairro de Boa Viagem, na zona sul do Recife.

Boa Viagem é um desses lugares mágicos. Onde a maioria dos pernambucanos sonha morar. Afinal de contas, o bairro tem o charme das praias, o glamour da zona sul com restaurantes finos, hotéis de luxo, shoppings e galerias sofisticadas. Esta magia explica a ânsia imobiliária de preencher cada palmo de chão com as super torres que roubam o sol, o céu e, mesmo, a tranquilidade dos moradores, deixando-lhes apenas a sombra, a elevação da densidade demográfica a limites insuportáveis, a saturação da capacidade das ruas e avenidas, a obsolescência precoce de redes de drenagem, a rarefação da cobertura vegetal e, como contraponto subjacente, as condições que atraem a prostituição e certos seguimentos da criminalidade. A magia de Boa Viagem também explica a irresponsabilidade de governantes imaturos que, ao invés de trabalhar pela ampliação de espaços públicos ambientalmente saudáveis, almejam entrar para a história através de marcos de ferro e concreto que conspurcam até mesmo as raras áreas verdes que remanescem na cidade. Para confirmar o doce imaginário sobre o bairro, é necessário que seus moradores – mais de 100 mil pessoas irregularmente espalhadas sobre menos de 740 hectares em comunidades que experimentam brutais diferenças sociais e econômicas, intercambiando angústias e necessidades – sejam protegidos dos cúmplices do descaso e daqueles que, com os olhos postos no próprio umbigo, admitem e, mesmo, patrocinem o crescimento desordenado do bairro.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco e presidente em exercício da Associação dos Moradores do Pina, Boa Viagem e Setúbal.

e-mail: alexandresantos@br.inter.net